Nº 241
IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ORDEM POR BASE,
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

A REPÚBLICA E O MILITARISMO

A PROPÓSITO DO PROJETO DE MAIS UM MONUMENTO COMEMORATIVO DA BATALHA DO RIACHUELO

> Ah! que a dissensão pereça entre os deuses! E pereça, entre os homens, a cólera que perturba o mais sábio, e mais doce do que o mel líquido, se enfuna como a fumaça no peito dos homens.
>
> (Homero – *Ilíada*, XVIII.)

O *Jornal do Commercio* de ontem anuncia o seguinte:

"O Sr. *A. Azeredo* requereu que seja dada para ordem do dia, independente do parecer da Comissão de Finanças, a proposição da Câmara dos Deputados que consignou 100:000$ para um monumento comemorando a vitória da batalha do Riachuelo.

Não houve número para a votação dos dois requerimentos."

À vista de semelhante projeto, julgamos do nosso dever recordar sumariamente, mais uma vez, os motivos que condenam qualquer incitamento atual das paixões guerreiras.

Para isso cumpre, antes de tudo, lembrar que a guerra deixou, felizmente, há muitos séculos, de ser uma das *cruéis fatalidades*, pelas quais a nossa espécie teve de passar na patética evolução, que era só o que podia e levá-la gradualmente da *animalidade* à *Humanidade*. De fato, unicamente uma secular existência em sociedade podia ter permitido a depuração do egoísmo, a exaltação do altruísmo, a instituição da poesia, da ciência, e da indústria.

Antes que todo esse desenvolvimento se tivesse operado, quer a natureza do homem, quer as dificuldades da situação planetária, não permitiam que os povos se considerassem como *irmãos*.

A guerra, isto é, a luta entre os povos, tornou-se uma fatalidade como a *caça*, isto é, a luta contra os animais.

***

Mas, se essa inevitável situação primitiva das tribos humanas criava e mantinha, nos povos, sentimentos, opiniões e hábitos ferozes, uns contra os outros, determinava *no interior de cada povo* condições fatais favoráveis ao surto da sociabilidade.

Está claro que, se o homem não fosse naturalmente o mais sociável dos animais, nada poderia tê-lo feito adquirir semelhante atributo, nem mesmo desenvolvê-lo ao ponto de assegurar o predomínio da espécie humana sobre as outras espécies animais. Tendo, porém, os instintos altruístas, sobretudo o mais eminente deles, a *bondade*, maior energia na espécie humana do que nas outras, e achando-se essa superioridade afetiva suficientemente assistida pelos atributos intelectuais e práticos, o estado inevitável de guerra, no começo, acarretou, em cada núcleo da população humana, a expansão sempre crescente da *sociedade*.

Ora, essa expansão mesma foi que conduziu por toda parte a ir constatando gradualmente as cruezas da guerra e das instituições em que o altruísmo se acha sacrificado ao egoísmo. Foi assim que surgiu e se desenvolveu a preocupação cada vez mais escrupulosa de impedir semelhante sacrifício, evitando todas as estimulações dos instintos egoístas, assegurando o máximo exercício dos pendores altruístas, cultivando, estética e cientificamente, a inteligência, e devotando-se à atividade industrial e pacífica.

De sorte que hoje todos os *povos* ocidentais encaram a guerra com horror e deixam de ver na guerra motivo de glorificação, embora a superexcitação artificial e excepcional dos instintos egoístas possa ainda determinar lutas fratricidas.

***

Em virtude desse fatal passado, compreende-se que seria inadmissível hoje glorificar-se um povo ocidental de instituições e fatos quaisquer que outrora foram *inevitáveis*, constituíram títulos de honra e glória, e serviram mesmo de preparação para o regime definitivo, pacífico-industrial.

Bastam alguns exemplos para acentuar a inconcussa veracidade dessas ponderações.

Ninguém ignora que nas tribos primitivas a antropofagia era a consequência da guerra e que tal prática era celebrada com glorificação tanto pelos algozes como pelas vítimas. Um dos poemetos de Gonçalves Dias mostra a idealização que comporta tanta ferocidade. Entretanto, ninguém se lembraria de mandar erigir hoje um monumento comemorativo da antropofagia sob o pretexto de celebrar o estado fetíchico. O que encanta no poemeto de Gonçalves Dias é justamente assistir o surto dos instintos altruístas em meio das crueldades peculiares ao espírito guerreiro.

***

A *escravidão* oferece outro exemplo ainda mais característico de uma instituição encarada outrora como um título de glória e hoje tornado objeto de execração. Aparecendo como resultado espontâneo do desenvolvimento do regime teológico-militar, semelhante instituição assinala um dos maiores progressos morais e sociais. Porque ela marca a extinção da antropofagia e do sacrifício implacável dos vencidos, ao mesmo tempo que obrigou estes a passarem da *guerra* para o *trabalho*, da atividade militar para atividade industrial.

Entretanto, restaurada no Ocidente em meados do XV século, após século e meio de dissolução do regime católico-feudal que a extinguira, a escravidão constituiu um dos crimes mais monstruosos da revolução moderna. Os construtores da nacionalidade brasileira que nele incorreram não tiveram, até os fins do XVIII século, remorsos de semelhante crueldade. Foi com a escravidão que se elaborou o passado brasileiro. Ainda na própria execranda guerra, cuja glorificação descabida ocasiona estas linhas, fez-se sentir a influência da nefanda instituição. Pois como é sabido foram libertados escravos para servirem no Exército.

E quem se lembraria hoje de propor que se erigisse um monumento à escravidão como fator importante na constituição do povo brasileiro?

***

Esses exemplos parecem suficientes para tornar bem patente que todas as instituições humanas, outrora celebradas com honra e com glória, e todos os fatos históricos, também outrora celebrados com honra e com glória, não merecem indistintamente ser glorificados pela Posteridade. Os povos guerreiros podiam considerar as guerras quaisquer como gloriosas, desde que ficassem vencedores; para eles *todos os homens não eram irmãos*. O remorso não vinha perturbar as suas expansões de ferocidade.

Mas os povos ocidentais, vindos da civilização católico-feudal, não podem ver motivos de entusiasmo e de honra em lutas fratricidas e na cultura de instintos cruéis. Os povos modernos só podem comemorar as batalhas que *durante a fase militar inevitável da Humanidade*, assinalaram passos para a conquista da paz universal; como, por exemplo, Salamina, Zama e Lepanto.

Se os nossos pais erraram, reparemos piedosamente os seus erros, e não erijamos monumentos que, longe de glorificá-los, se tornarão padrão de suas faltas.

A guerra do Paraguai foi o maior dos erros do segundo Império; e na agitação militarista mesmo, que ainda dura, fomentada pela cega recordação dessa luta fratricida, está o povo brasileiro sofrendo o castigo de tal erro. Porque não é pequeno castigo ver-se um povo tolhido na sua marca regeneradora.

Cremos que estas reflexões bastam para evidenciar que, longe de avivar as recordações das lutas fratricidas ávidas entre o povo brasileiro e os seus vizinhos, devemos todos esforçar-nos por esquecer esses sangrentos episódios. Eles patenteiam, pois, que nada justifica o monumento que se projeta.

A nação brasileira está atravessando uma quadra bem dolorosa. Instituída oficialmente a República em 1889, podia a política brasileira ter enfim tomado um caráter francamente pacífico e racional, mediante a utilização das incomparáveis vantagens que resultam dos antecedentes históricos do povo brasileiro.

De fato, no Brasil e em torno do Brasil, não há nem dinastia nem aristocracia que por sua origem teológico-militar, entretenham os preconceitos guerreiros. A nação brasileira, como todas as que a rodeiam, é constituída pelas camadas populares do Ocidente, sobretudo ibéricas, combinadas com as africanas e os aborígenes da América. Daí resulta uma população eminentemente pacífica, onde as conquistas estéticas, científicas, e industriais encontra o mais entusiástico acolhimento.

Entretanto, os governos republicanos têm continuado a política militarista do Império. Como durante o Império, tomam-se para modelo os governos das nações europeias, todas dominadas ou rodeadas por dinastias ou aristocracias ainda não libertas dos preconceitos teológicos-militares, em vez de buscarem-se inspirações nos grandes pensadores ocidentais, que são os órgãos verdadeiros da civilização.

***

Assim, no caso dos povos sul-americanos, como menosprezar os conselhos políticos de Augusto Comte? Trata-se de um pensador continuamente republicano que, rompendo os preconceitos correntes, mostrou cientificamente a superioridade moral e social dos elementos italiano e ibérico sobre os elementos britânico e germânico. Foi ele quem demonstrou a superioridade afetiva da raça negra, bem como a superioridade ativa da raça amarela, profetizando que a grandeza futura da Humanidade resultará da fusão da raça branca com elas. Foi ele que veio assim dar aos povos sul-americanos a consciência de sua verdadeira dignidade no conjunto da República Ocidental.

Como, pois, preferir aos conselhos políticos de Augusto Comte, que correspondem aos nossos sentimentos altruístas, às nossas tendências pacíficas e industriais, à nossa situação planetária entre povos irmanados pelos antecedentes históricos e pelas instituições políticas; como preferir, dizemos, a essa política de amor, de ordem, e de progresso, o exemplo dos governos militaristas do ocidente europeu?

***

Em vez de levantar monumentos belicosos, de desenvolver a marinha militar e os exércitos, transformemos a nossa força guerreira em polícia. E aquela que exceder a esse destino seja aplicada industrialmente na construção do estradas, linhas telegráficas, cartas geográficas etc.

A política sem ideais do Império fez com que fosse o governo brasileiro o último a abolir a escravidão africana. A mesma política, continuada pela República, reserva ao governo brasileiro a triste sorte de ser o último a abandonar o regime militar. E a isso chama-se amar a Pátria.

***

Seja como for, a tradição positivista não se perderá mais no Brasil; e se o monumento sacrílego que ora se projeta for erigido, ficará a propaganda positivista para conjurar os seus perniciosos efeitos, e os pósteros saberão que os reclamos da Religião da Humanidade traduziram oportunamente os sentimentos generosos e as novas tendências pacíficas do povo brasileiro.

Pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil:

R. TEIXEIRA MENDES,
Vice-diretor.

Em nossa sede, Templo da Humanidade, rua Benjamin Constant, nº 30.
Rio, 7 de Bichat de 118 (09 de dezembro de 1906).

(Publicado no *Jornal do Commercio* de 10 de dezembro de 1906.)